

DOSSIÊ “ANTICLERICALISMO”

INTRODUÇÃO

NOVOS E VELHOS ANTICLERICALISMOS

A julgar pelo franco acolhimento que gestos, palavras e decisões do Papa Francisco encontram hoje na generalidade da opinião pública, o anticlericalismo, incluindo a sua versão antijesuítica, estaria a sair de cena a passo acelerado. Católicos, crentes de outras confissões religiosas, e até agnósticos e ateus, parecem escutar a mensagem e seguir com apreço as frequentes intervenções do papa. E não deixa de ser surpreendente que se esbocem atitudes de incómodo, de reserva e mesmo de indignada contestação vindas agora, pasmem-se, dos mais intransigentes sequazes das teologias do mercado. Dir-se-ia que novos anticlericais vêm ocupar o lugar que os anticlericais clássicos estariam a deixar vazio por sentirem que os argumentos com que sustentavam a causa foram, a pouco e pouco, enfraquecendo e perdendo oportunidade.

Os teólogos do mercado e da finança, com a sua plêiade de acólitos, parecem agora em vias de se constituírem em novos adversários do clero. Em tempos de crise, a Igreja, com clero e laicado movidos pelas urgências da solidariedade social e pastoralmente mobilizados pelo magistério do Papa Francisco, estaria a increpar os interesses egoístas das poderosas forças do mercado. Ao proceder assim, a Igreja andaria a invadir território alheio e a usurpar as temporalidades que pertencem a César. E aos recentes inimigos da Igreja solidária não falta vontade de recuperar e repetir a sarcástica diatribe de Junqueiro:

“De tal modo imitou o Papa a singeleza
Do mártir do Calvário,
Que à força de gastar os bens com a pobreza
Tornou-se milionário.
[...]
E toda essa riqueza imensa, acumulada
Por tantos financeiros,
O que é a economia, ó Deus! foi começada
Só com trinta dinheiros!”
Só que existe agora uma diferença essencial.

Já não serão tanto os pobres, os excluídos, os injustiçados, ou quem por eles toma a palavra, a acusar de traição os padres e a Igreja. Bradam contra ela, mais que ninguém, os que fizeram profissão de fé na religião do capital e do lucro, na exacta medida em que sofismam ameaças que nascem da “alegria do Evangelho”.

Há o anticlericalismo emergente, em vias de enunciação por parte dos lautamente instalados nos benefícios da crise, mas que sentem desconforto perante apelos do papa inspirados pela fraternidade cristã e por elementares princípios de ética social. E existem igualmente sinais dados pelo próprio Papa Francisco que parecem dirigidos contra alguns tiques de clericalismo, bem evidentes ainda no seio da Igreja. Esses sinais sugerem, por isso, um tipo de anticlericalismo interno e de cúpula, bem expresso na recente pergunta formulada por um cronista: “Um Papa anticlerical?”

Avançando para além da questão em torno de anticlericalismos velhos e novos, interroguemo-nos sobre o fenómeno anticlerical em si mesmo e sobre a sua presença, efectiva e persistente, nas diferentes culturas, com especial realce na cultura portuguesa. Que atenção pode e deve merecer o tema na nossa contemporaneidade? Quais os novos territórios em que ele sobrevive e que canais o continuam a difundir?

Tornou-se patente aos olhos de observadores distanciados que os tempos de aguerrida combatividade anticlerical pertencem ao passado. Mas, ao mesmo tempo, a abordagem da temática no plano dos estudos histórico-culturais, e das múltiplas implicações disciplinares que o envolvem, converteu-se em assunto de interesse crescente. Está em causa, sem dúvida, o empenhamento em conhecer melhor o passado, recorrendo aos arquivos e demais documentação disponível, de modo a habilitar-nos a cabal clarificação e aprofundamento dos contornos desse fenómeno político-religioso. Existe, porém, no alvo visado por este inevitável olhar retrospectivo, uma realidade cultural e civilizacional muito mais complexa e fecunda.

Não é difícil encontrar boas razões de natureza sociológica, pedagógica, ética, e mesmo política e religiosa, para prestar atenção a tão apaixonante realidade social. O anticlericalismo tem a natureza de elemento catalisador de forças sociais em acção no espaço público. Sendo por natureza uma atitude de oposição e confronto com a instituição clerical, instituição influente caracterizada por ligações com todos os estratos da vida social, o anticlericalismo subentende que, para além de confrontos individualizados e de peripécias circunscritas, existe uma conflitualidade alimentada por princípios e valores. Daí a fundada expectativa de conseguirmos perceber de que modo o fenómeno anticlerical se agrava em contextos de mobilização para a mudança, como

aconteceu em Portugal na caminhada para a implantação do regime republicano, e qual a sua quota parte como efectivo agente histórico de transformação cultural e política. E sendo certo que da agressividade militante faz parte grau elevado de irracionalidade, com seu cortejo de excessos e erros, só reconhecidos muito mais tarde, quando chegam a sê-lo, parece de elementar bom senso que se identifiquem os erros para que, uma vez reconhecidos, com eles possamos aprender todos. Se nos colocarmos do lado de dentro da vida eclesial, também o anticlericalismo deverá ser lido como muito mais do que mera violência gratuita e cena de ódio em que foi sendo imolado o corpo clerical. Através de linhas tortas, escreveu-se o apelo a uma presença mais pura, mais transparente e mais evangélica do serviço ministerial da Igreja.

Porque perdeu hoje o anticlericalismo a agressividade militante de tempos idos? Embora ninguém esteja seguro de alguma vez ter sido passada declaração de óbito ao anticlericalismo, parece indubitável que ele há muito deixou as luzes da ribalta no quotidiano da sociedade portuguesa e se remeteu a episódios esporádicos, sem o alarme social de outras eras. Muitas foram as transformações culturais verificadas no decurso dos últimos cem anos que alteraram radicalmente as mentalidades, com incidência no relacionamento da sociedade com a Igreja. O regime de separação da Igreja e do Estado instituído em 1911, depois de ter sido motivo de profundas clivagens e do reacender de violentas paixões clericais e anticlericais, acabou por trazer e consolidar uma existência social e política caracterizada pelo clima de estabilidade, tolerância e tranquilidade. Republicano e laico, o Estado português não enfrenta actualmente urgências de mudança de regime e não padece da hipersensibilidade ao ultramontanismo alimentada outrora por proclamações maximalistas de nacionalismo. Além disso, apesar de alguns casos mediáticos, parece pacífico que se esbateu a ideia de incompatibilidade absoluta entre fé e razão, entre religião e ciência, admitindo-se que os dois campos se organizam a partir de jogos de linguagem e de códigos institucionais autónomos e discursivamente paralelos. Força é reconhecer que, para a generalidade das pessoas, se tornaram mais frágeis e permeáveis as fronteiras que separam as convicções, tendo ao mesmo tempo sofrido enorme erosão os vínculos identitários do catolicismo sociológico.

As considerações precedentes mostram como o território em que a temática do anticlericalismo se move na actualidade é o da inventariação e da hermenêutica histórico-cultural. Mesmo naqueles estudos em que alguma paixão se faz ainda ouvir mais ou menos em surdina, sobretudo a propósito de figuras ou de casos que se distinguiram por violência ideológica e agitação popular, os seus autores fazem questão

de lembrar que não pretendem relançar polémicas antigas, nomeadamente as que antecederam e se seguiram ao 5 de Outubro de 1910.

O conjunto de ensaios aqui reunidos pretende ampliar o conhecimento crítico do universo anticlerical em três direcções principais: percursos literários e culturais, modalidades de expressão e comunicação, bases para estudos comparados.

Um dos percursos mais radicais é o que nos traz o estudo bem documentado de Hervé Baudry sobre Jean Meslier. Trata-se de um pároco de aldeia que deixou em testamento a confissão de surpreendentes convicções totalmente opostas ao ministério eclesiástico que exerceu. O anticlericalismo das Luzes soube aproveitar-se desta figura para servir a sua causa e a ela recorreu também o anticlericalismo português, ao promover a tradução de textos de Meslier. Todavia, mais do que anticlericalismo e anticatolicismo, Hervé Baudry encontra em Meslier um arauto moderno do ateísmo.

Anthero Monteiro devolve à nossa consideração os anátemas anticlericais de um notável poeta a quem só avaramente tem sido votado o culto que, sem contestação, merece. Guilherme Braga surge aqui sob a impressiva marca de prodigioso panfletário, sendo certo, como lembra o autor do estudo, que “o discurso panfletário é quase sempre hiperbólico”. Se alguma injustiça de avaliação praticou o poeta, ela sai fortemente superada na lealdade da luta que travou a favor da liberdade e dos mais altos valores com que se promove a dignidade humana.

O minucioso ensaio de Henrique Manuel Pereira apresenta-nos uma releitura do que foi a recepção do anticlericalismo de Junqueiro, desde que este ingressou na república das letras. Com informação criteriosamente elaborada, junta um contributo da maior valia ao processo do poeta de *A Velhice do Padre Eterno*, processo que continua em aberto. E desata, ao mesmo tempo, alguns nós dos muitos fios que tecem um anticlericalismo bem mais complexo do que transparece em frequentes simplismos de leitura.

Tomás da Fonseca personifica o anticlericalismo republicano de marca rural na sua militância mais interventiva e persistente, ao longo dos primeiros dois terços do século XX. O estudo de Luís Machado de Abreu esboça os traços mais relevantes desse percurso anticlerical em que avulta a singularidade de Tomás da Fonseca, o ex-seminarista que foi buscar à formação no seminário de Coimbra as armas com que enfrentou o que identificava como expressões várias de clericalismo doutrinário e prático.

São variadíssimos os meios de que o anticlericalismo se socorre para se comunicar e difundir. Entre esses instrumentos encontramos o humor e as formulações próprias da sabedoria popular. José Eduardo Franco e Cristiana Lucas da Silva ocupam-se do tema do humor, crítica e autocrítica no âmbito da experiência religiosa. Analisam incidências e funcionalidades dos usos do humor na e sobre a Igreja católica, Dispõem de uma mina fértil em que o uso humorístico revela veios profundos, tanto da mentalidade popular como de sectores pertencentes ao clero e à vida religiosa que se assumem como emissores e como alvo de micronarrativas, gracejos e anedotas. A escala do riso varia, é claro, e pode ir da gargalhada que humilha, despreza e massacra até ao sorriso mais ou menos complacente.

Em “usos etnográficos do discurso catequético”, Paulo Correia de Melo percorre alguns descaminhos de ensinamentos recebidos na catequese e mostra o aproveitamento que deles faz a sabedoria do povo. Para esse efeito, desencanta, no cancionero tradicional e noutras fontes, algumas pérolas de transposição profana de fórmulas catequéticas nas quais se misturam crítica social, riso mordaz, e farpas anticlericais. O autor prolonga com este estudo um campo de investigação em que é pioneiro.

Os estudos comparatistas em matéria de anticlericalismo estão dependentes do aparecimento de trabalhos monográficos sólidos, e de sínteses de âmbito regional e nacional. José António Ribeiro de Carvalho fornece uma visão panorâmica do anticlericalismo/anticatolicismo e clericalismo/catolicismo em Portugal, nas vésperas da I República (1881-1910). Faz uma apresentação contrastiva das manifestações de anticlericalismo que precederam a chegada dos republicanos ao poder. A esse registo contrapõe o gradual revigoração do catolicismo, graças a iniciativas de associativismo cultural e religioso que procuravam contrariar a disseminação de ideias e práticas anticatólicas.

José Milhazes dedica o seu artigo à experiência russa de combate ao clero e à religião no período estalinista e soviético, apresentando o comunismo e a sua ideologia fundadora, o marxismo, como forma suprema do anticlericalismo.

A laica Geração de 70 do século XIX português, mormente a sua figura-guru mais proeminente de Antero de Quental, é revisitada por António Augusto Nery que analisa releitura da história de Portugal e da história ibérica através de uma chave hermenêutica anticlerical, anticatólica e antridentina. Na linha da leitura partidária da história estabelecida pelos catecismos antijesuíticos pombalinos, alguns textos emblemáticos da Geração de 70, nomeadamente as *Causas da Decadência dos Povos*

Peninsulares, fixam um visão dicotômica da história portuguesa, evidenciando a sua alegada decadência dos últimos trezentos anos, como sendo da responsabilidade da influência nefasta do catolicismo modelado pelo Concílio de Trento e pela ação devastadora da Ordem dos Jesuítas e do seu compromisso com o modelo político e social do Antigo Regime.